

A linguística no século xxi: convergências e divergências no estudo da linguagem

RESENHA

Roberlei Alves Bertucci

bertucci@utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

A obra *A linguística no século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem* apresenta conceitos teóricos essenciais sobre esse fenômeno humano, ressaltando, na primeira parte, pontos comuns entre as diferentes áreas e, na segunda, o distanciamento entre elas. Cada uma das partes é composta por três capítulos, que se estruturam em: um texto principal, com as ideias essenciais e gerais sobre o tema; dois textos de apoio, que procuram aprofundar a questão do capítulo; e, por fim, são apresentadas propostas de projetos de trabalho para estudantes da área.

Com uma vasta experiência nacional e internacional na área de linguística, em especial na área cognitivo-experimental, Aniela Improta França, Lilian Ferrari e Marcus Maia, professores da UFRJ, elaboraram uma obra de fôlego, repleta de

possibilidades de pesquisa e trabalho que, certamente, contribui e muito para os pesquisadores e estudantes da área de Linguística no Brasil.

O primeiro destaque para a obra é justamente a divisão em duas grandes partes: a das convergências e das divergências. Sem dúvida, tomar as questões principais de uma área e apresentar um panorama geral com pontos de aproximação e distanciamento em suas diferentes perspectivas é um desafio, o qual é cumprido de forma exemplar e muito bem organizadas pelos autores.

No primeiro bloco, os autores apresentam três capítulos: O que é linguística? Métodos de investigação em linguística e Pontos em comum e variação. Como os títulos sugerem, o primeiro e o segundo capítulos dão noções gerais sobre a área de estudos da linguagem humana, os diferentes recortes do objeto e diferentes modos de pesquisá-lo. O último, por sua vez, descreve o aceite geral de que a variação é algo comum em todas as línguas e foca nos aspectos de variação.

O segundo momento da obra também é dividido em três capítulos: O debate nature X nurture; Forma X função; e Serialidade X redes. No quarto capítulo do livro, procura-se investigar se a linguagem é algo natural (inscrito na nossa carga genética) ou cultural, podendo ser ensinada e aprendida. Em seguida, a discussão a respeito da dicotomia “forma/função” apresenta os argumentos de formalistas e funcionalistas para o tratamento das línguas naturais. Finalmente, o último capítulo enfoca o debate a respeito dos aspectos cognitivos vinculados às teorias linguísticas. Por isso, apresentam-se três possibilidades: a de se considerar as computações cerebrais como séries, em que o resultado de um processo (output) seja entrada para outro; considerar essas mesmas computações como redes, em que as ativações sejam paralelas; ou como a junção dessas duas possibilidades.

Entre os diversos pontos elogiáveis na obra está, sem dúvida, a organização dos capítulos em “Texto principal” e “Textos de apoio”. Tal estrutura organiza, de um lado, a discussão central do capítulo e, de outro, o aprofundamento de algumas noções importantes para o tema (ou a área). Junta-se a essa estrutura a sugestão de “Projetos de pesquisa” ao final dos capítulos. Isso revela o cuidado na formação da capacidade de integrar conhecimentos, ao contrário de muitas questões diretas feitas em manuais ou livros similares de introdução à linguística.

Aliás, vale lembrar que os autores, na apresentação da obra, destacam que não desejam que seu texto seja mais um manual na área. De fato, não é; e a proposta de projetos reforça isso, já que propõe um olhar de pesquisadores sobre os temas em questão e não de estudantes em busca de fixação de conceitos.

No primeiro capítulo, define-se que “a Linguística estuda a questão da capacidade da linguagem no ser humano” (p. 16), expressa em suas milhares de línguas naturais. Para os autores, entre as características das línguas humanas que são convergentes entre as perspectivas teóricas, estão i) a diferença com a comunicação animal; ii) a não-primitividade de qualquer língua; iii) a organização em estruturas segmentáveis (fonemas e morfemas, por exemplo); iv) a variação; e v) a mudança.

Ter conhecimento sobre os pontos de convergência é essencial para aquele que quer de fato saber o papel da Linguística. Destacam-se, neste capítulo, as pesquisas em relação aos sistemas de comunicação dos animais e a discussão, novamente bem exemplificada, sobre a equivalência de complexidade entre

todas as línguas humanas. Por sua vez, o Texto de apoio 2 (A revolução cognitivista), embora trace um panorama geral e bem explicado sobre o tema, apresenta excessivos detalhes da perspectiva em questão, podendo tornar a leitura um pouco cansativa.

No segundo capítulo, os autores apontam três métodos de investigação em linguística. O primeiro (etnográfico), que trata basicamente das pesquisas com corpus, foi apresentado muito brevemente. Em tempos de circulação e armazenamento de dados, seria algo muito importante a se ganhar destaque para uma “linguística do século XXI”.

O segundo método (julgamento de gramaticalidade) é bastante conhecido, em especial na área formalista. Aqui, merece destaque a boa inclusão da tese de Talmy de que há questões que podem ser analisadas por esse método (e outras não). Isso, sem dúvida, pode contribuir com os pesquisadores e estudantes que estão analisando a melhor metodologia de pesquisa na área.

Finalmente, o método experimental foi o último e melhor abordado. Fazendo jus à área em que atuam (cognitivo-experimental), os autores mostram as vantagens desse tipo de método, destacando que ele teria a capacidade de quantificar (por testes com tempo de reação, por exemplo) ou mapear (com rastreamento ocular, por exemplo) questões mais sensíveis sobre a capacidade linguística humana, algo que nem o corpus nem a própria intuição podem oferecer por completo.

A familiaridade dos autores com o método, no entanto, levou-os a apresentarem questões bastante complexas. Destaco a explicação do design do experimento sobre vinculação pronominal (a partir da página 67): tanto o Princípio C quanto o modo de testagem requerem um certo conhecimento de linguística. Ainda que o livro não se proponha a ser um manual, é, sim, voltado para estudantes iniciantes, pelo menos é o que demonstra ao tratar de questões básicas da área, como a já mencionada distinção entre linguagem humana e sistemas de comunicação dos animais (Capítulo 1). Outro ponto complexo foram os designs dos experimentos na seção “Projetos de pesquisa”. Aparentemente, os autores estão sugerindo um projeto geral sobre como tais práticas poderiam ser concretizadas. Ainda assim, faltam indicações como o tipo de laboratório ou de programa que poderiam ser utilizados para se pilotar a ideia.

No Capítulo 3, “Pontos em comum e variação”, observa-se um retorno a aspectos mais “básicos” da linguística, em especial no Texto principal e no Texto de apoio 1. No primeiro caso, por exemplo, a discussão sobre os tipos de variação (fonológica, morfológica, sintática etc.) vai perdendo fôlego ao longo do texto, culminando com pouco espaço para a variação pragmática. Apesar disso, merece louvor o fato de colocar esse fenômeno em jogo, inclusive pelo exemplo incrível sobre a pausa de 1.5 segundos entre turnos de fala que ocorrem em trocas conversacionais com falantes do athabasco (língua de povo nativo da América do Norte), ao contrário do que ocorre com falantes de inglês.

Já na Parte 2, sobre as divergências, o Capítulo 4 destaca a possibilidade de se considerar, em perspectivas distintas, a linguagem como mecanismo da nature (natureza) ou da nurture (cultura). O que se percebe, no entanto, é que a combinação de alguns fatores de cada perspectiva pode contribuir para uma visão mais global do fenômeno da linguagem. Além disso, a discussão natureza/cultura é um bom exemplo daquilo que se poderia apresentar nas aulas

introdutórias de linguística nas universidades, enquanto não se apresenta a linguagem como um fenômeno humano/científico nas aulas do ensino básico.

O Capítulo 5, Forma X Função, discute a diferença entre as perspectivas formalistas e funcionalistas no estudo da linguagem. Embora a ideia geral possa ser apreendida pelo leitor, alguns pontos merecem um cuidado: a Tabela 10 (p. 156), que compara o kadiwéu ao japonês, com relação à ordem modificado/modificador, não foi explicada. Uma pena, pois ilustrava bem a ideia de padrões gramaticais do parágrafo que a antecede. No mesmo capítulo, a teoria da vinculação sofre do mesmo problema de complexidade do método experimental comentado acima (Capítulo 2). Nesta parte do trabalho, já se supõe um estudante/leitor iniciado, que deva lembrar as questões do gerativismo para entender questões como c-comando, dominância, merge, entre outros.

Finalmente, o Capítulo 6, Serialidade X Redes, apresenta as diferenças em se considerar a noção de serialidade ou de redes neurais na computação linguística. No primeiro caso, a partir de regras específicas, a combinação de determinados elementos geraria resultados (outputs) os quais serviriam de entrada (inputs) para novas combinações. No segundo, os elementos estariam interconectados e agiriam em paralelo no processamento da linguagem. A meu ver, o capítulo é ambíguo quanto à composição: se, de um lado, apresenta diversas teorias relativamente modernas a respeito dos aspectos cognitivos envolvidos no processamento linguístico, o que oferece um panorama global ao leitor, de outro é multifacetado, com passagens muito breves sobre essas teorias. A vantagem é que explica bem cada uma delas, deixando ao leitor o caminho aberto para pesquisas posteriores, se assim o quiser.

Como conclusão, embora haja momentos de “gangorra”, em que ora o texto se direciona para iniciantes, ora para iniciados, a obra se destaca entre tantas outras que pretendem tratar da linguística como ciência e de seus métodos de pesquisa. Sem dúvida, apresenta excelentes teorias e modelos representativos, em especial para nós que estamos fechando a segunda década do Século XXI. Serve de boa referência para quem trabalha com turmas iniciais de Linguística ou que discute metodologias de pesquisa na área, além de ser um rico material introdutório para a área de epistemologia, podendo o leitor focar em aspectos de maior interesse a partir dessa introdução.

Para edições futuras, sugiro uma revisão mais atenta. Ao contrário do cuidado sempre grande da editora com a qualidade dos materiais, este livro apresenta problemas básicos de revisão (como a glosa do exemplo 50, na página 157, que tem morfema de passado e é transcrita como presente; o pronome “se”, no exemplo 70, sem índice; a alternância do nome Fis(c)her; concordância, no terceiro parágrafo da página 169; entre outros). Ainda como sugestão, a inclusão de imagens que ilustrem as pesquisas experimentais, em especial da região cerebral, poderá favorecer a compreensão sobre o tema, em especial para os menos familiarizados com essas questões. Acrescentar quadros sintéticos dos temas/teorias em análise no final dos capítulos (ou das partes) também seria um modo de favorecer o entendimento geral.

FRANÇA, Aniela Improta; FERRARI, Lilian; MAIA, Marcus. **A linguística no século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2016. 224p.

Recebido: 15 mar. 2019

Aprovado: 25 mar. 2019

DOI: 10.3895/rl.v21n32.9845

Como citar: BERTUCCI, Roberlei Alves. A linguística do século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem. *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 32 p. 192-196, mar. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

